



ESTADOS UNIDOS

Trump agita o "fantasma" da Europa

A duas semanas da eleição para o Congresso, com as maiorias governistas em perigo, presidente invoca a turbulência política na França como perigo para o país e denuncia a presença da “extrema-esquerda” na oposição democrata

» SILVIO QUEIROZ

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, invocou os protestos das últimas semanas na França, em especial os incidentes de violência do sábado, para mobilizar os eleitores do Partido Republicano para irem às urnas e derrotarem a oposição democrata — cotada para conquistar a maioria, possivelmente, em ambas as casas do Congresso. As eleições legislativas de meio mandato estão marcadas para 3 de novembro, e podem deixar Trump na posição que o jargão político dos EUA chama de “pato manco”, um presidente sem condições para definir a agenda política ou pautar o debate no Congresso.

“Quando vocês virem campanários em chamas e incêndios violentos na França, lembrem-se de que é isso que os democratas radicais querem fazer com os EUA”, afirmou, em referência ao incêndio que destruiu a torre da prefeitura de Limoges, na França. “Eles (a oposição nos EUA) pretendem fazer isso. Não vão nem chegar perto disso”, prometeu. O presidente não apresentou nenhuma evidência para sustentar a acusação, mas disse que isso “não ocorrerá” caso os republicanos (governistas) vençam as eleições e mantenham a maioria que detêm, atualmente, em ambas as casas legislativas.

Trump relacionou os protestos na França, que têm pautas educacionais e de custo de vida, com a imigração na Europa. E afirmou que o Velho Mundo “foi fraco” no controle das fronteiras e, por isso, “fracassou”. O que está acontecendo na França é o que eles (os democratas) querem que aconteça aqui”, discursou, mirando diretamente na imigração. “A Europa fechou as fronteiras, mas fracassou porque foi fraca, permitiu que as fronteiras fossem reabertas imediatamente”, criticou. “Nós fechamos nossas fronteiras, que são as mais fortes da história do país”, completou.

Polarização

“A polarização política nos EUA inclui grupos radicais, inclusive à direita, mas não há evidências de que a extrema esquerda represente

Jim Watson/AFP



Trump fala à imprensa na Casa Branca: revolta social e manifestações no Velho Mundo entram no discurso para as eleições legislativas

» Execução polêmica

Um terço dos entrevistados defendeu, em pesquisa nos EUA, que deveria ser feita nova tentativa de executar Christa Pike, condenada à morte no Tennessee por um assassinato cometido em 1995, quando tinha 19 anos. Hoje com 50, ela resistiu, em 30 de setembro, a duas aplicações de injeção letal, feitas depois de a Suprema Corte federal ter rejeitado os últimos apelos da defesa. Em uma sondagem Reuters/Ipsos, 33% dos entrevistados aprovaram uma nova tentativa de executar a sentença, proporção que chega a 52% entre os que se declaram republicanos e cai a 24% entre os democratas. Para 39% dos ouvidos, a sentença deveria ser comutada para prisão perpétua. Atendida em um hospital de Nashville, Christa aguarda a definição da Justiça na prisão onde passou os últimos 30 anos.

custo de vida e os serviços públicos subfinanciados.

Defensores dos direitos humanos têm criticado repetidamente Trump por sua retórica, ao longo dos anos. O presidente tem

atacado e ridicularizado imigrantes e grupos étnicos minoritários, frequentemente com retórica antiumulmana e xenofóbica. Organizações pró-direitos civis afirmam que tal retórica normaliza “atitudes

discriminatórias” em relação a essas comunidades.

“O objetivo imediato é eleitoral, pensando nas eleições legislativas americanas de novembro”, analisa o estudioso da ESPM. “Trump procura mobilizar sua base eleitoral em torno de dois temas que sempre foram centrais para seu movimento: imigração e combate à esquerda”. É nesse contexto, segundo Rudzit, que o presidente dos EUA invoca a presente turbulência social e política na Europa. “Ao apresentar a Europa como exemplo das consequências de políticas migratórias equivocadas, procura justificar as próprias medidas e reforçar a ideia de que somente um controle rigoroso das fronteiras pode preservar a segurança e a identidade nacional”, sustentas.



Quando vocês virem campanários (torres com sinos) em chamas e incêndios violentos na França, lembrem-se de que é isso que os democratas radicais querem fazer com os EUA”

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

Rudzit aponta, ainda uma “tentativa de deslocar o debate eleitoral das dificuldades econômicas enfrentadas pelos americanos para temas nos quais acredita ter maior capacidade de mobilização”. O professor da ESPM aponta também as limitações dessa estratégia. “O custo de vida continua sendo uma preocupação importante dos eleitores. Portanto, a ofensiva contra a Europa deve ser entendida menos como discussão sobre os problemas europeus e mais como parte da campanha política doméstica de Trump.”

O estudioso acredita que Trump não critica apenas as políticas europeias de imigração, mas “o próprio modelo político representado pelos governos tradicionais do continente”. Ao responsabilizar a entrada de estrangeiros pela instabilidade social na França, Itália e outros países, “aproxima-se do discurso dos partidos nacionalistas que disputam o poder justamente com essas lideranças”. O presidente dos EUA, avalia Rudzit, “acaba interferindo no debate político interno europeu, enfraquecendo seus interlocutores tradicionais e fortalecendo forças políticas ideologicamente mais próximas” de seu discurso para os EUA. “Isso também pode dificultar a cooperação transatlântica em questões estratégicas”, observa.

FRANÇA

Governo culpa extrema-esquerda por tumultos

» RODRIGO CRAVEIRO

As autoridades francesas responsabilizaram a extrema-esquerda por um “plano insurrecional” durante as manifestações violentas que atingiram Paris e várias cidades no fim de semana. Pela segunda noite consecutiva, o governo decretou toque de recolher em bairros de Paris, Lyon, Bordeaux e Nice. O primeiro-ministro da França, Sébastien Lecornu, reunirá-se, hoje, com representantes de sindicatos e, amanhã, com partidos políticos. Toulouse, no sul do país, adotará a mesma medida entre quinta-feira e domingo no período noturno. Lecornu denunciou “o planejamento, em certos locais, de um esquema insurrecional conduzido por pequenos grupos de extrema-esquerda e de ultraesquerda”. Ele citou, como exemplo, o incêndio da Prefeitura de Limoges, cuja torre desabou. Um homem de 34 anos foi preso.

As agências de inteligência francesas rotularam os grupos antifascistas, anarquistas ou anarcoautônomos de “ultraesquerda”. Também acusaram integrantes da “extrema-esquerda radical”, partidos de orientação revolucionária, a aderirem aos protestos do último sábado. As autoridades também culpam a ação de “criminosos oportunistas”, que teriam aproveitado para saquear estabelecimentos comerciais. O governo de Emmanuel Macron creditou a responsabilidade política a Jean-Luc Mélenchon e seu partido de esquerda radical França Insubmissa (LFI) por supostamente estimularem a violência. Durante os protestos de sábado, 2.500 pessoas foram detidas — 149 delas estão na prisão, condenadas ou à espera de julgamento, segundo o ministro da Justiça, Gérald Darmanin.

Professor da Universidade de Reims e especialista em história do comunismo e do anarquismo, Sylvain Boulouque afirmou

Joel Saget/AFP



Carro queimado e pichado com “Todos os policiais são bastardos”

ao Correio que o toque de recolher parcial pode adiar, temporariamente, os saques e os distúrbios urbanos, mas não resolvem

o problema em sua essência. “O governo espera que a pressão decorrente do movimento dos estudantes do ensino médio se dissipe.

Trata-se de uma aposta baseada na lógica da segurança — uma abordagem que não ataca as questões de fundo, visto que não oferece uma resposta substantiva às demandas específicas apresentadas, nem à questão mais ampla do padrão de vida”, criticou. Ele destacou que o Executivo não demonstrou qualquer disposição de abrir um diálogo sobre as questões sociais em pauta. “Mesmo que a violência diminua, há risco de ela ressurgir”, advertiu o historiador.

Multifacetado

De acordo com Boulouque, o movimento de contestação nas ruas tem perfil multifacetado. “Diversos elementos se sobrepõem. Estudantes de ensino médio manifestam-se em busca de condições mais adequadas de estudo. Algumas instituições de ensino — especialmente nos subúrbios — sofrem com a falta de recursos, além de contarem com

instalações obsoletas ou insalubres. Para além da questão da infraestrutura escolar, os estudantes também levantam debates sobre os horários das aulas e as condições de acesso às universidades.”

Mas as ruas também ecoam reivindicações de determinadas categorias profissionais, como a demanda de aumento salarial. “Em um contexto mais amplo, uma parcela da população questiona a deterioração de sua qualidade de vida. Esse cenário está, em parte, associado ao aumento do custo de vida — decorrente da crise internacional do petróleo —, o que impacta diretamente as condições de vida de uma parte dos franceses”, comentou Boulouque, ao ponderar que as reclamações refletem um mal-estar da sociedade. “Paralelamente, existe um segmento da população que, diante da ausência de respostas por parte das autoridades, acredita que apenas a violência permitirá a obtenção de melhorias.”